

TSUNAMI

Robert Muchamore

Tradução de Miguel Marques da Silva



O que é a CHERUB?

A CHERUB é uma agência que pertence aos Serviços Secretos Britânicos. Os seus agentes têm entre 10 e 17 anos. Todos os querubins são órfãos recrutados de lares de acolhimento e treinados para trabalharem como agentes secretos. Vivem no *campus* da CHERUB, cujas instalações secretas se localizam num lugar escondido, algures numa região rural de Inglaterra.

O que fazem estes miúdos?

Muito. Ninguém imagina que uma criança possa realizar missões secretas, o que significa que podem fazer muitas coisas sem que desconfiem delas, ao contrário dos adultos.

Quem são?

Vivem cerca de 300 crianças no *campus* da CHERUB. **James Adams** é o nosso herói de 17 anos. É um agente respeitado da CHERUB, com várias missões cumpridas com grande sucesso. **Kerry Chang** de Hong Kong, é a namorada de James. Outros amigos chegados incluem **Bruce Norris** e **Shakeel Dajani**.

A irmã de James, **Lauren Adams**, tem 13 anos e já é considerada uma agente excepcional da CHERUB. Passa o tempo com o namorado, **Greg “Rato” Rathbone**, e a sua melhor amiga **Bethany Parker**.

O pessoal da CHERUB

Por causa da extensão do *campus*, das instalações de treino especializado e do seu papel combinado de escola interna e operação secreta, a CHERUB tem mais funcionários do que alunos, desde cozinheiros e jardineiros a professores, instrutores de treino, enfermeiras, psiquiatras e especialistas de missão. A CHERUB é dirigida pela diretora **Zara Asker**.

E as *t-shirts*?

Os querubins estão divididos por postos, de acordo com a cor da *t-shirt* que usam no *campus*. As **cor de laranja** são para os visitantes. As **vermelhas** para as crianças que vivem no *campus*, mas que são demasiado novas para serem agentes (a idade mínima é 10 anos). As *t-shirts* **azuis** são para quem faz a difícil recruta de 100 dias. Quem está apto para realizar missões usa uma **cinzenta**. As **azuis-escuras** são uma recompensa por um desempenho excepcional numa missão. A *t-shirt* **preta** é o mais elevado prémio para um desempenho notável ao longo de várias missões. Quando os querubins se reformam, recebem uma *t-shirt* **branca**, igual à que é usada pelo pessoal do *campus*.

Maio de 2009

1. Bandidos

Os confrontos violentos no festival motard Rebel Tea Party em agosto de 2008 levaram a uma brutal guerra de gangues entre o Motard Clube Bandidos e os seus maiores rivais, os Sacanas Vingativos. A onda de esfaqueamentos, tiroteios e destruição de propriedades atingiu o clímax em outubro, quando o presidente nacional dos Bandidos, Ralph “Führer” Donnington, ordenou uma série de fogos postos a sedes dos Sacanas Vingativos.

Mas o triunfo dos Bandidos foi de curta duração. Durante uma operação stop de rotina, foi detido um veículo suspeito com várias bombas incendiárias de fabrico caseiro para mais um ataque dos Bandidos. Dois membros dos Bandidos de South Devon foram presos e uma busca ao seu quarto de hotel em Londres levou à apreensão de armas de fogo, sessenta mil libras em dinheiro e um portátil com e-mails incriminatórios. As mensagens mencionavam os fogos postos em sedes de motoqueiros e continham registos financeiros relacionados com a operação de tráfico ilegal de armas dos Bandidos de South Devon.

Oito dos dezanove membros efetivos dos Bandidos de South Devon foram detidos e acusados. Buscas subsequentes revelaram mais provas de atividade criminosa e resultaram na detenção de mais vinte motoqueiros de outras filiais dos Bandidos e de gangues associados.

Apesar destes avanços, o Führer continua à frente dos Bandidos. Mas com tantos colaboradores próximos na cadeia, já não consegue distanciar-se das atividades criminosas quotidianas do gangue. Ao fim de vários anos a esquivar-se da prisão, o Führer está na posição mais vulnerável de sempre.

Excerto de uma circular interna da polícia escrita em janeiro de 2009 pelo inspetor-chefe Ross Johnson, diretor da Brigada Especial para a Criminalidade Motard.

*

James Adams pôs as mãos em concha por baixo da torneira, salpicou a cara com água tépida e fitou o seu reflexo no espelho do armário da casa de banho. Tinha o cabelo desgredado e uma barba cor de palha a despontar no rosto. A acne não estava a dar-lhe problemas, tirando um vulcão vermelho perto da maçã de Adão.

James tinha adotado o visual motoqueiro e vestia umas Nike rotas, calças de ganga sujas de óleo e uma *t-shirt* sem mangas dos AC/DC. O toque final era a enorme fivela cromada em forma de caveira. James contraiu os braços grossos e sentiu-se satisfeito com a sua aparência: ombros musculados, bíceps grossos e grandes tufo de pelos nos sovacos. Um salto de crescimento recente, provavelmente o último da sua vida, tinha-o deixado com exatamente um metro e oitenta.

– Olá, bonitão – disse James para o seu reflexo.

A seguir, tentou pôr um ar ameaçador e abanou o punho diante do espelho.

– Estás a olhar para onde? – gritou. – Queres problemas? Vais ver o que te acontece, seu idiota apoiante do Tottenham. *Bang!*

James riu-se ao imaginar o adepto imaginário do Tottenham a cair ao chão, mas não estava mais ninguém em casa para o ouvir. A identidade de James Raven tinha sido estabelecida no verão anterior quando ali estivera com uma controladora de missão e dois agentes mais novos, mas agora vivia sozinho durante a segunda fase da missão. A história de fundo era que tinha discutido com os pais, desistido da escola e fugido para a casa de férias da família em Devon para seguir uma carreira de rebelde a tempo inteiro.

James pegou no blusão de couro preto e vestiu-o ao descer as escadas. A seguir, pegou nas chaves e no telemóvel que estavam numa taça de vidro junto da porta da frente. Cardinal-seis-nove ativou a agenda telefónica secreta e James selecionou o número do seu controlador de missão, John Jones.

– Por enquanto nem sinal do Führer, chefe – disse James.
– Vai chegar no mínimo uns quinze minutos atrasado.

A voz calma de John ouviu-se do outro lado.

– Quando é que o Führer alguma vez chega a horas?

– Está tudo preparado desse lado? – perguntou James. – A Kerry está bem?

– Tudo nos trinquês – concordou John. – A Kerry sabe o que está a fazer.

– Não podemos deixar o Führer escapar – disse James num tom sério. – Já ando atrás dele há mais de dez meses.

– Nervoso? – perguntou John.

– Mãos suadas, barriga às voltas – admitiu James. – Já tive a minha dose de missões, mas há sempre momentos de tensão.

John riu-se.

– Julgo que vai ser a tua última missão, se tudo correr bem.
– É melhor sair, devem estar a chegar – disse James, sentindo-se atordoado ao guardar o Samsung no bolso das calças.

“A tua última missão.”

Estas quatro palavras atingiram James como um tijolo na cabeça. Pensou nas suas missões: Ajudem a Terra, GKM, Arizona Max, Leon Tarasov, Sobreviventes, ELA, Denis Obidin, Cães Danados, Grupo de Ação de Rua. Seria o Führer o seu último alvo? Seria hoje o último ato da sua carreira na CHERUB?

A ideia fez James sentir um aperto no coração, e quando se lembrou da imagem no espelho no andar de cima, ficou ainda mais triste. Os agentes da CHERUB eram miúdos. Eram eficazes porque eram pequenos e inocentes e os adultos não desconfiavam deles. Mas James já não era uma criança. Tinha 17 anos. Tinha o tipo de físico intimidante que fazia as pessoas mudarem para o outro lado da rua para o evitarem, enquanto a barba rala e o nariz torto lhe davam um ar tão inocente como um tanque de guerra russo.

Sentiu uma lágrima no canto do olho, mas a adrenalina entrou em ação quando ouviu o Mercedes do Führer. O carro virou para a rua sem saída, passando pelas casas de luxo até parar à porta de James. O Mercedes Classe E era um monstro. Modelo desportivo AMG topo de gama, com um motor V8, vidros fumados, pneus largos e jantes caras.

James reconheceu os três homens no interior quando abriu a porta de trás do lado do passageiro. O Führer estava ao volante, pequeno e perigoso, com o seu minúsculo bigode à Hitler. No lugar da frente estava Rino, um motoqueiro e associado de longa data dos Bandidos que nunca se tinha juntado ao gangue.

Atrás estava Dave Devasso. O homem careca com um bigode espesso era dono de metade dos clubes de *striptease* e das casas de massagens de South Devon.

– Bom dia a todos – disse James ao baixar-se para o assento de couro.

Mas foi apanhado de surpresa quando Dave Devasso o empurrou para fora do carro.

– O que tens nas costas? – gritou Dave, zangado.

James entrou em pânico ao perceber que ainda tinha vestido o blusão de motoqueiro. Nas costas tinha o emblema do Bando de Monstros, identificando James como membro do grupo satélite dos Bandidos.

– A usar o emblema dentro de um carro – rosnou o Führer, a abanar a cabeça com desprezo enquanto punha a mão por baixo do volante para abrir a mala. – Cabeça de vento.

Para um motoqueiro, o emblema nas costas do blusão era sagrado. Os motoqueiros andavam de carro com frequência, mas era contra as regras usar o emblema quando se viajava em mais do que duas rodas.

James recuou e correu até à traseira do carro. O interior da mala era enorme. Lá dentro estava o saco de golfe cor-de-rosa da mulher do Führer e dois casacos dos Bandidos dobrados com cuidado para os emblemas ficarem à vista. Mais importante ainda, James viu dois bastões de beisebol, um par de pés de cabra e um saco de desporto cheio de armas e munições.

– Vamos fazer umas cobranças! – disse Rino animadamente quando James fechou a porta e os pneus de dezoito polegadas derraparam na gravilha.

*

O seu destino era o Clube de Surf do Kam, a uns vinte quilómetros para este de Salcombe. O restaurante de dois andares erguia-se precariamente perto de uma falésia e as tábuas azuis estavam descoradas pelo sal do mar mais abaixo. A comida de Kam variava entre massa chinesa e hambúrgueres, com um balcão estilo anos cinquenta, uma *jukebox* antiga e artigos de *surf* pendurados nas paredes.

O sítio ficava apinhado na época balnear, mas ainda faltavam alguns meses e os únicos clientes às duas da tarde de terça-feira eram dois turistas alemães de mochila, romanticamente isolados do resto do mundo enquanto partilhavam uma travessa de calamares e viam as ondas a bater na enseada rochosa mais abaixo.

– Ó da casa! – bradou o Führer ao entrar pela porta. – Sr. Kam, pare de fritar ratos e traga o seu couro amarelo aqui para fora.

Os alemães ficaram nervosos com a presença de quatro motoqueiros agressivos. James entrou em último pela porta dupla, deitou uma olhadela às pernas morenas que saíam dos calções de ganga da turista e reconheceu Johnny Cash a cantar *Ring of Fire* na *jukebox*.

O dono e cozinheiro saiu da cozinha. Kam era entroncado, com o cabelo preto e liso preso num rabo de cavalo e tinha um avental às riscas à cintura. Prendeu o Führer com um sorriso, mas a sua linguagem corporal evidenciava que o motoqueiro era a última pessoa que Kam queria ver.

– Vai buscar as cassetes – disse o Führer para James.

Enquanto James se dirigia para trás do balcão, Dave Devasso foi ter com o casal de turistas. A rapariga olhou para o namorado. O rapaz era forte e parecia um lenhador, com uma camisa aos quadrados e uma camisola de lã, mas nunca tinha dado um soco na vida.

– Não queremos problemas – disse o alemão, de mãos erguidas, num inglês imperfeito.

Dave Devasso parou a um passo da mesa. Os alemães recuaram quando o motoqueiro estendeu a mão e levou um calamar à boca.

– Saboroso – disse Dave, a assentir enquanto mastigava. – O Dave Devasso gosta de um pedacinho de polvo.

A rapariga olhava nervosamente para o rapaz. James não falava alemão, mas não era preciso ser um génio para traduzir “vamos sair daqui”.

Dave Devasso levou a mão às calças. O alemão estremeceu, pensando que Dave ia sacar uma arma, mas em vez disso o motoqueiro agarrou as presilhas do cinto e puxou as calças para baixo. A rapariga ainda viu de relance o pénis flácido de Dave Devasso antes de se levantar aos gritos.

– Que tal um pouco de salsicha inglesa? – troçou Dave Devasso. – Deixem-me mostrar-vos a verdadeira razão porque ganhámos a guerra.

O alemão tirou uma nota de vinte libras da carteira e atirou-a para cima da mesa. A seguir, pegou na namorada e nas mochilas e apressou-se para a saída.

– Oh, anda lá, miúda – gritou Dave Devasso, a seguir o casal com as calças sujas pelos tornozelos. – Porque te estás a fazer de difícil?

Rino e o Führer riam à gargalhada quando James se baixou atrás do balcão. Entre as máquinas de lavar e os barris de cerveja havia um velho gravador vídeo. James tirou a cassete e abanou-a no ar.

– Tenho a cassete, chefe – gritou.

– Não a deixes aí – ordenou o Führer, antes de se virar para Kam com um sorriso sarcástico. – Porque está com essa cara?

– Como querem que vos pague quando me assustam os clientes? – gritou Kam, furioso.

– Dois clientes é que vão fazer a diferença? – riu-se o Führer. – Este sítio estava à *pinha* no verão passado. Deve-me três semanas. Isso dá setecentas libras.

– Quatrocentas e cinquenta – corrigiu Kam.

– O preço sobe quando não me pagam – rosnou o Führer ameaçadoramente, agarrando Kam pelo avental. – Não julgue que não estou em cima dos assuntos só porque alguns dos meus rapazes estão atrás das grades.

– Não posso pagar tanto no inverno – queixou-se Kam. – Já viu como tenho poucos clientes.

– Estes edifícios velhos de madeira ardem bem – ameaçou o Führer, fazendo uma explosão com as mãos. – Puf!

– Está mais alguém aqui? – perguntou Rino.

– Só a minha mulher e a tradutora que pediram – respondeu Kam. – Estão na cozinha.

– Trá-las para aqui, onde as possamos ver – gritou Rino para James.

James guardou a cassete de vídeo no blusão e passou pela cortina para a cozinha ampla e impecavelmente limpa. Primeiro

viu Alison, a mulher de Kam. Estava vestida para servir à mesa, com sapatos brancos de salto alto e um vestido curto azul-claro. A outra mulher era Kerry Chang. Kerry era uma agente da CHERUB de 16 anos. Também era a namorada de James, mas ele não podia deixar que percebessem que se conheciam e evitou olhar para ela.

– Lá para fora, suas vadias – disse James num tom agressivo.

Alison saiu da cozinha e James ficou para trás para ver se não estava ninguém escondido. Quando Kerry passou por ele, atirou-lhe um sorriso discreto e enunciou silenciosamente “tudo bem”.

– Oh, olha-me que beleza! – troçou Dave Devasso, a admirar Kerry quando esta saiu da cozinha. – Magnífica, mas não perdia nada se fizesse uma operação às mamas.

Kerry lamentava-se por ter seios pequenos e James quis dar um murro na cara de Dave Devasso quando o motoqueiro bigodudo parou ao lado da sua namorada.

– Então és a nossa tradutora chinoca? – perguntou Dave, pondo uma mão no ombro de Kerry e deixando-a deslizar pelas costas. – Queres o meu número, querida? Eu gosto de miúdas asiáticas.

Dave Devasso deixava Kerry enojada. Além do cheiro a suor e cigarros, Kerry sabia, pelos relatórios policiais, das raparigas que tinham sido violadas nos clubes de Dave, mas tinham medo de testemunhar contra um membro dos Bandidos. Kerry era perfeitamente capaz de dar uma coça a Dave Devasso, mas estava em missão e tinha de desempenhar o seu papel. Por isso, recuou e exibiu a repulsa adequada.

– É um bocadinho nova – comentou Rino, virando-se para Kam. – Tem a certeza de que ela é capaz de traduzir?

– Porque não traduz o Kam? – perguntou Dave Devasso.

– Porque eu não falo chinês – disse Kam, furioso. – Eu cresci em Exeter, percebe? E a minha mãe era filipina, não era chinesa.

Kerry deu um passo para trás quando a mão de Dave Devasso lhe chegou ao rabo. O motoqueiro puxou-a e tentou beijá-la. Felizmente, o Führer interrompeu-o antes que Kerry tivesse de o afastar.

– Tira as mãos, Dave – avisou o Führer. – Tens miúdas que chegue. Precisamos desta para a reunião lá em cima.

Dave Devasso ficou aborrecido com a nega. Como não podia descarregar no Führer, atravessou o restaurante e deu um murro a Kam.

– Bom soco! – riu-se Rino quando Kam se dobrou com a dor.

– Onde está o nosso dinheiro? – perguntou o Führer. – Maldito chinoca. Aposto que tens umas cem mil libras escondidas debaixo da cama, não é?

– Eu pago assim que puder – disse Kam com dificuldade.

– Está a ver este rapaz aqui, Sr. Kam? – gritou o Führer, a apontar para James.

Kam assentiu e endireitou-se. James não fazia a mais pequena ideia porque o Führer estava a apontar para ele.

– O James é um novato promissor – explicou o Führer, de olhos fixos em Kam. – É novo, mas é duro como o aço, e vou pô-lo a tratar de si. Ele vai passar por aqui regularmente para recolher os pagamentos. Se não pagar, vai ver como elas doem.

– Porque não o deixam em paz? – gritou Alison quando o Führer empurrou o marido na direção de James.

– Mostra ao nosso amigo do que és capaz – disse o Führer para James.

Dois fatores tinham permitido que James se infiltrasse no círculo próximo do Führer nos últimos meses: as suas capacidades de combate faziam dele a pessoa ideal para ter ao lado durante uma guerra entre gangues, enquanto a sua juventude fazia o Führer pensar que era novo de mais para ser um polícia infiltrado.

James não tinha problemas quando se tratava de dar uns sopapos em motoqueiros de outros gangues, mas bater num simples trabalhador como Kam era completamente diferente.

– O que querem que faça? – perguntou James, atrapalhado.

– Dá-lhe uma lição – encorajou Dave Devasso. – O que quiseres. Parte-lhe os dedos ou algo assim.

James teve de pensar depressa. A maioria dos motoqueiros jovens faria qualquer coisa para impressionar o Führer. James não queria magoar Kam, mas não podia dar cabo da sua credibilidade.

– Não lhe posso partir os dedos, pois não? – disse James num tom casual, tentando ganhar tempo. – Um cozinheiro não pode ganhar dinheiro com uma mão partida.

De repente, James teve uma ideia. Agarrou Kam pela parte de trás do pescoço e segurou-lhe o braço direito. Kam era entroncado e quase tão forte como James, mas não tinha experiência de combate e não sabia como defender-se quando James lhe prendeu o braço atrás das costas.

Nesta posição, partir-lhe o braço era a coisa mais fácil do mundo, mas James preferiu agarrar com força o bíceps de Kam e torcer-lhe o braço violentamente, deslocando-lhe o ombro com um estalido forte.

James tinha sofrido esta lesão alguns anos antes durante um treino de combate. Um ombro deslocado tinha um aspeto dramático e era extremamente doloroso, mas era muito menos grave do que um osso partido. Um médico conseguia pôr a articulação de Kam outra vez no sítio. Ia ficar dorido por alguns dias, mas dentro de uma semana estaria recuperado.

Não que Kam apreciasse a gentileza de James quando caiu ao chão.

Alison atirou-se a James aos gritos, enquanto Rino, Dave Devasso e o Führer riam com satisfação. James não queria magoar Alison, por isso intercetou as suas unhas pintadas quando ela lhe tentou arranhar a cara e deu-lhe um empurrão. Alison caiu para cima de uma mesa, derrubando-a e atirando ao chão os condimentos e os guardanapos.

Enquanto Kerry se apressava a acalmar Alison, James pôs um ar ameaçador, cuspiu para o chão diante de Kam e deu um murro na palma da mão.

– Se fosse a ti, ficava no chão – avisou James. – Da próxima vez que te vir, é bom que tenhas o nosso dinheiro ou meto a tua mão dentro da fritadeira.

2. Problemas

Kam sentou-se num balde virado ao contrário na cozinha do restaurante, com um saco de cubos de gelo encostado ao ombro magoado e lágrimas a correrem-lhe pela cara. Dave Devasso estava na frente do restaurante, encostado ao balcão, enquanto os outros Bandidos esperavam no andar de cima.

– Está só deslocado – sussurrou Kerry ao ouvido de Kam. – Depois da reunião dos Bandidos, vamos levá-lo ao hospital.

Alison não gostava de ter Bandidos no seu restaurante e também não lhe agradava que uma rapariga atraente de 16 anos andasse à volta do seu marido.

– O que sabes *tu* do braço dele? – perguntou Alison, furiosa.
– Não tens ar de médica.

Kerry suprimiu uma mistura de nervos e raiva.

– Sei prestar primeiros socorros – respondeu num tom apaziguador. – Não sou perita, mas acho que o ombro está deslocado.

Alison virou-se para o marido e apontou um dedo acusador para Kerry.

– Afinal, de onde é que a conheces?

– Vais perceber quando tudo isto terminar – disse Kam com uma cara de dor. – Tem calma e confia em mim.

– Confio em ti? – sibilou Alison. – Acabaste de ser vítima de extorsão e agressão. Deves dinheiro aos Bandidos e agora esses loucos estão a ter uma reunião no andar de cima do nosso restaurante. Como queres que fique calma? Eu disse-te para falares com a polícia há meses.

– Fale baixo – avisou Kerry, a apontar para o teto. – Se eles a ouvem a ameaçar falar com a polícia, matam-nos a todos.

– Confia em mim, Alison – repetiu Kam num tom firme. – Pela vida das nossas filhas, se isto correr mal, dou-te o divórcio. Podes ficar com tudo.

– Essa tem piada – fungou Alison. – Fico com quê? Com a hipoteca da casa? Com as dívidas do restaurante? És tão *estúpido* que nem posso olhar para ti.

Alison saiu da cozinha para a frente do restaurante. Dave Devasso estava parado junto do pequeno bar, onde se tinha servido de um copo de Wild Turkey.

– Que bela visão – disse Dave, erguendo o copo de *shot*. – Muito *sexy*, com esse vestidinho azul.

Alison empinou o nariz, mostrou o dedo a Dave, sentou-se a uma mesa e enterrou a cara nas mãos.

– Deve estar com o período – troçou Dave, rindo-se da sua própria piada.

Na cozinha, Kerry deitou um olhar acusador a Kam.

– Devia ter contado à sua mulher o que está a acontecer – sussurrou.

Kam soltou um suspiro.

– Não era suposto a Alison vir trabalhar hoje, mas a empregada de mesa ligou a dizer que estava doente.

– Temos de manter a Alison *calma* – disse Kerry.

– Não posso acreditar no que aquele James me fez ao braço – gemeu Kam. – Espero que prendam o bandalho por muito tempo.

Kerry sorriu para dentro. Kam tinha concordado em cooperar com a polícia para pôr fim à extorsão dos Bandidos. Tinham-lhe dito que Kerry era uma cadete da polícia de 19 anos com um ar jovem, e não uma agente da CHERUB de 16 anos, mas Kam não fazia a mais pequena ideia de que James também estava a trabalhar infiltrado, ou que tinha sido ideia de James fazer a operação no restaurante.

Diante do restaurante, dois chineses saíram de um enorme Lexus. O mais velho dos dois avançou lentamente para a entrada, curvado para a frente. Enquanto o homem batia no vidro marchetado por cima do sinal que dizia “restaurante fechado devido a avaria elétrica”, o seu filho abria a mala da limusina e tirava dois sacos Louis Vuitton.

– Sr. Xu – disse o Führer calorosamente quando abriu a porta e apertou a mão do homem mais velho. – Venha para cima. Espero que não tenha apanhado muito trânsito.

O Sr. Xu quase não falava inglês e não emitiu um único som, exceto o suspiro quando viu os dois lanços de escadas.

Liam, o filho de Xu, era completamente diferente. Tinha quarenta e poucos anos e parecia tirado de um filme de *gangsters*, de fato caro, óculos escuros e um relógio Breitling com diamantes no pulso.

– Está tudo? – disse Liam ao pousar as malas de marca.

O Führer tinha-se encontrado com Liam várias vezes, mas o inglês deste não ia além de saudações e menus de restaurante.

Em vez de palavras, os dois homens fizeram uma dança máscula de palmadas nas costas, sorrisos e risadas.

Kerry aproximou-se e parou numa postura formal, com os pés juntos e as mãos atrás das costas.

– Estou aqui para prestar assistência em qualquer dificuldade linguística – explicou, com uma ligeira vénia, e repetiu a frase em mandarim fluente.

Enquanto Kerry subia atrás de Liam e do Führer, James desceu as escadas de madeira e ofereceu um braço a um Sr. Xu agradecido. O restaurante tinha pouco movimento fora da época balnear, por isso o andar de cima estava fechado durante o inverno. A sala de jantar em forma de L tinha um ar desolado, com fios de luz a entrar pelas frinchas das portadas fechadas, um plástico por cima do bar e cadeiras em cima das mesas.

Rino sentou-se no meio da sala, junto de duas mesas ao lado uma da outra. Em cima das mesas estavam cinco armas automáticas, carregadores e caixas de munições. O resto das mesas tinha sido colocado contra as paredes, criando uma linha de tiro improvisada com um alvo de metal ao fundo da sala.

Liam foi direto às armas, enquanto James ajudava o velho chinês a sentar-se numa cadeira.

– Topo de gama – disse Liam, excitado, enquanto Rino lhe estendia um par de luvas brancas para não deixar impressões digitais.

– Tem bom olho – elogiou Rino quando viu Liam a pegar numa metralhadora pequena. Kerry apressou-se a traduzir. – Essa é a MP7 que pediu. Coronha retrátil, mira múltipla e três

modos de utilização: espingarda, metralhadora ou até pistola de mão. A munição de quatro-vírgula-seis milímetros é pequena, mas eficaz até cinquenta metros. Uma pessoa grande como o senhor consegue escondê-la debaixo de um casaco, mas tem força suficiente para perfurar trinta camadas de *kevlar* e matar uma sala cheia de pessoas.

– Maravilhoso – disse Liam com admiração. – Conheço muita gente que vende armas, mas vocês são os únicos que arrajam este tipo de material sofisticado.

– Ninguém tem contactos como os nossos – gabou-se Rino. – Nos Estados Unidos, os Bandidos já roubavam armas quando começaram a andar de Harley. A maioria dos traficantes de armas tem um fornecedor. Nós temos *dezenas*, e trabalhamos com a maioria deles há anos.

Liam virou a arma na mão.

– E as munições especiais? Conseguem arranjà-las?

O Führer alinhou no discurso de venda de Rino.

– Nós íamos vender-lhe uma arma que não pudesse disparar? – sorriu o Führer. – Essa metralhadora é usada pelo exército alemão. Ora, eu não estou a dizer que arranjar estas balas seja tão fácil como comprar as balas normais de nove milímetros, mas tudo o que o exército alemão usa pode ser arranjado, de uma maneira ou de outra.

– E cada arma que vendemos vem com mil balas – acrescentou Rino. – Para poder começar logo a usá-la.

Enquanto um Liam exuberante apontava a metralhadora para o alvo e desejava ter um espelho para ver a sua pose, o Sr. Xu debruçou-se para Kerry e segredou-lhe ao ouvido.

– O Sr. Xu está a perguntar sobre os vossos problemas recentes com a polícia – disse Kerry, pouco à vontade. – Ele quer saber como está o negócio depois de todas as detenções, e se é seguro para eles.

– Multas de estacionamento – respondeu o Führer despreocupadamente. – Estou neste jogo há mais de trinta anos. Compro, vendo, baixo-me, esquivo-me e ainda estou aqui. Vi muita gente a entrar e a sair do negócio, mas nunca tive problemas maiores do que multas por estacionar na linha amarela e andar a noventa numa zona de setenta. Acredite em mim, a prisão é para os novos. Não tenciono ir preso nesta altura da vida.

O Führer soava confiante, mas James sabia que era mentira. Antes da guerra contra os Sacanas Vingativos e a detenção de metade dos seus homens, o Führer mantinha-se afastado dos negócios de armas. Estar numa sala com armas em cima da mesa a falar com dois homens com sacos de dinheiro na mão era o tipo de negócio que teria passado para um subordinado. Mas as guerras entre gangues não eram baratas e o Führer tinha de correr riscos.

– Então estamos todos satisfeitos? – perguntou Rino ao passar um carregador por cima da mesa. – O alvo está preparado, se quiser experimentar a arma. O miúdo escolheu este sítio porque não tem vizinhos num raio de oitocentos metros.

Liam pegou logo no carregador, mas o seu pai não aprovava a postura do filho com a arma. O velho falou bruscamente em mandarim e Kerry traduziu.

– O Sr. Xu diz que as armas são excelentes. Quer fechar o negócio rapidamente e voltar para Londres. Confia plenamente

que o resto do carregamento tenha a mesma qualidade e pede-lhe que comecem rapidamente a verificar o dinheiro para terem a certeza de que tudo está em ordem.

Rino debruçou-se sobre um dos sacos Louis Vuitton e abriu-o, mas o Führer fez-lhe sinal para recuar.

– Não precisamos de verificar – disse o Führer.

– É claro – sorriu Liam.

Desde que trabalhava com o Führer, James tinha aprendido que a confiança entre criminosos aumentava quanto mais alto se subia. As hipóteses de um passador de rua tentar enganar outro num pequeno negócio de droga eram altas. Mas um negócio de armas no valor de meio milhão de libras entre o Führer e a máfia chinesa para quem os Xu trabalhavam era feito à confiança, porque as consequências de qualquer disputa seriam devastadoras para ambos os lados.

– Têm aqui uma chave e um mapa com a localização do armazém onde o resto do carregamento está guardado – explicou o Führer, estendendo um envelope acolchoado a Liam. – Vão querer os sacos de volta?

O Sr. Xu sorriu quando o Führer lhe apertou a mão.

– São falsificações excelentes, um dos nossos negócios lucrativos – traduziu Kerry. – O Sr. Xu diz que talvez a sua mulher goste deles, e que são indistinguíveis dos originais.

– É muito generoso da sua parte – sorriu o Führer, enquanto Kerry ajudava o Sr. Xu a levantar-se.

James sentiu o coração a bater mais rápido quando viu os Xu a dirigirem-se para as escadas. Estava tudo a correr como planeado, mas sentia-se nervoso mesmo assim. A polícia tinha

instalado câmaras e microfones no restaurante. Tinham o negócio todo gravado e o Führer a gabar-se de traficar armas há mais de trinta anos era a confissão perfeita.

Mas agora vinha a parte complicada. A polícia não queria que ninguém tivesse tempo de destruir provas ou pegar numa arma. Tinham planeado um ataque surpresa: os agentes de intervenção avançavam rapidamente, prendiam toda a gente na reunião e apreendiam o dinheiro e o envelope com a localização das armas.

Os agentes no exterior não sabiam que James estava a trabalhar infiltrado, o que significava que podia contar com uns safanões. E com armas e munições ali à mão, a situação podia acabar num tiroteio se a polícia se descuidasse.